Revista Diversidade e Educação

MASCULINIDADES E HOMOSSEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DE JOVENS ESTUDANTESDE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES DE ERECHIM, RIO GRANDE DO SUL

MASCULINIDADES Y HOMOSEXUALIDAD EN PERSPECTIVA DE JÓVENES ESTUDIANTES DE ESCUELAS PÚBLICAS Y PRIVADAS DE ERECHIM, RIO GRANDO DO SUL

MASCULINITIESAND HOMOSEXUALITY IN THE PERSPECTIVE OF YOUNG STUDENTS OF PUBLIC AND PRIVATE SCHOOLS OF ERECHIM, RIO GRANDE DO SUL

Ivone Maria Mendes Silva [1]

Adriana Angerami [2]

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões sobre masculinidades e homossexualidade, partindo da análise de narrativas produzidas por homens jovens no contexto de grupos focais realizados em escolas públicas e particulares da cidade de Erechim (RS). Os resultados obtidos demonstram uma diversidade de opiniões e posicionamentos dos jovens em relação ao tema. Ao passo que alguns afirmaram sentir-se livres para aderir àquilo que lhes desperta identificação, admitindo o caráter móvel da masculinidade, tomada como uma construção não necessariamente vinculada à heterossexualidade; outros demonstraram valorizar o modelo hegemônico vigente em nossa sociedade, baseado em um ideal viril, heterossexual e, por vezes, homofônico. Conclui-se que uma variedade de modelos de masculinidades tem operado nos contextos juvenis, acompanhando a própria pluralidade que caracteriza o processo de socialização nas sociedades

[1] Doutora em Psicologia. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim/RS, Brasil.

[2] Graduada em Ciências Sociais. Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim/RS, Brasil.

(cc) BY-NC-SA

atuais, o que coloca possibilidades inauditas em relação à educação das novas gerações para o reconhecimento do outro e o respeito às diferenças ideológicas, socioculturais e subjetivas.
PALAVRAS-CHAVE:Gênero. Sexualidade. Masculinidades. Homens jovens.

RESUMEN
Este artículo presenta reflexiones sobre La masculinidad y La homosexualidad, comenzando por el análisis de narrativas producidas por hombres jóvenes enel contexto de grupos focales celebrados enescuelas públicas y privadas de la ciudad de Erechim (RS). Los resultados muestran una diversidad de opiniones y posiciones de los jóvenes com respecto al tema investigado. Mientras que algunos afirmar on sentirse libres de adherirse a lo que despierta su identificación, admitiendo el carácter móvil de lamasculinidad, tomada como una construcción no necesariamente vinculada ala heterosexualidad; otros han demostrado valorar el modelo hegemónico actual em nuestra sociedad, basado em un ideal viril, heterosexual y a veces homofóbico. Se concluye que una variedad de modelos de masculinidades han operado en contextos juveniles, acompañando La misma pluralidad que caracteriza el proceso de socializació nenlas sociedades actuales, que plante a posibilidades sin precedentes em relación com la educación de las nuevas generaciones para el reconocimiento de losdemás y el respeto. Diferencias ideológicas, socioculturales y subjetivas.
PALABRAS-CLAVE: Género. Sexualidad. Masculinidades. Hombres jóvenes.

ABSTRACT
This paper presents reflections on masculinity and homosexuality, starting from the analysis of narratives produced by young menin the context of focus groups held in public and private schools in the city of Erechim (RS). The results show a diversity of opinions and positions of young people regarding the theme investigated. While some claimed to feel free to adhere to what awakens their identification, admitting the mobile character of masculinity, taken as a construction not necessarily linked to heterosexuality; others have shown to value the current hegemonic model in our society, based on a virile, heterosexual and sometimes homophobic ideal. It is concluded that a variety of models of masculinities have operated in youth contexts, accompanying the very plurality that characterizes the process of socialization in current societies, which poses unprecedented possibilities in relation to the education of new generations for the recognition of others and respect. ideological, sociocultural and subjective differences.
KEYWORDS: Gender. Sexuality. Masculinities. Young men.

* * *

Introdução

Se fossemos construir uma representação esquemática em torno do conceito de masculinidades e suas interfaces, certamente noções sobre homossexualidade e heteronormatividade surgiriam, sendo ambas consequências dos símbolos e modelos

(cc) BY-NC-SA

identitários componentes de um *ethos*[3] masculino. Assim, ao debruçarmos sobre o conceito de masculinidade acabamos por esbarrar em situações de tensionamento entre as pluralidades do que está em torno do "ser homem".

Em situações cotidianas no meio social, esses tensionamentos e disputas para uma legitimação da masculinidade dos sujeitos acabam materializando conflitos. Portanto, essas disputas seguidas de conflitos servem para classificar sujeitos considerados "mais homens" ou "menos homens" entre o grupo de pares ou frente às instituições sociais, o que, em termos teóricos, diz respeito às noções de *masculinidade hegemônica* e *masculinidades subalternas* (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Pensar tais relações conflituosas entre jovens no espaço escolar tem apresentado dados frutíferos para questionar quais tipos de masculinidades têm operado nos contextos juvenis, os limites das ações e relações de poder entre homens jovens e de que forma isso implica em suas identidades (OLIVEIRA, 2018). Os trabalhos de Junqueira (2015), Junior, Oswald e Pocahy (2018) e Seffner e Silva (2016) apontam reflexões importantes que problematizam o encaixe forçado de uma heteronormatividade como única possibilidade de os sujeitos jovens se constituírem em termos identitários no espaço escolar, perpassando desde as relações sociais até a construção curricular das instituições. Em Portugal, o trabalho de Santos, Silva e Menezes (2017) apresenta semelhanças com o contexto brasileiro, sobretudo no tocante aos conflitos no espaço escolar entre jovens considerados afeminados, o que indica a relevância de trabalhos com foco nessa temática para fundamentar ações que estimulem a diversidade em todos os sentidos.

O presente trabalho tem a proposta de colaborar com as reflexões em torno das perspectivas juvenis a respeito da homossexualidade/heteronormatividade em espaços escolares, tomando essas dimensões como interfaces da masculinidade. Para tanto, serão apresentados os dados obtidos[4] em grupos focais realizados em duas instituições escolares, sendo uma pública e outra privada, localizadas na cidade de Erechim (RS), no Alto Uruguai Gaúcho.

No total, oito homens jovens participaram da pesquisa, cuja faixa etária varia dos 15 aos 18 anos, sendo cinco deles oriundos da escola pública e três da escola privada.As identidades

[3] Na perspectiva de Geertz (2008), o conceito de *ethos* expressa o estilo moral e estético de uma dada cultura, compondo um conjunto de valores que são como condições de vida impostas, ou seja, uma forma de garantir a coercividade social. Esses valores materializam-se através de símbolos presentes no comportamento subjetivo, constituindo a visão de mundo do sujeito e fazendo-se presentes nas relações sociais.

[4] Esta pesquisa contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

(cc) BY-NC-SA

pessoais dos participantes foram preservadas, assumindo nas publicações derivadas da pesquisa nomes fictícios. Além disso, com a autorização das respectivas instituições escolares,a participação de todos os envolvidos se deu de forma voluntária, após uma breve apresentação da pesquisa aos alunos do ensino médio dos contextos em questão.

Vale destacar que a manifestação de interesse em participar da pesquisa foi maior entre os jovens da escola privada (inicialmente, oito interessados), apesar de ter sido composto um pequeno grupo de participantes efetivos (três ao todo). O envolvimento desses estudantes em diversas atividades extracurriculares (oficinas, esportes, cursinhos, entre outras) e a consequente falta de tempo de que dispunham, pode justificar a dificuldade de agendamento e envolvimento de todos com a pesquisa. Na escola pública, entretanto, a resistência inicial dos jovens em participar dos grupos focais foi maior, tendo sido poucos os que se voluntariam a isso. Não obstante, foi possível alcançar, com o tempo, um número maior de participantes, se compararmos com o processo ocorrido na escola privada. Isso se deveu ao fato de uma das pesquisadoras estar estagiando na instituição, o que facilitou o acesso aos sujeitos. Ainda na escola pública,houve a manifestação de interesse por parte de mulheres jovens em discutir sobre a temática, seguida de lamentações por não ser o objetivo da pesquisa tratar sobre a temática com sujeitos do gênero feminino.

Os grupos focais tiveram, em média,cerca de uma hora e meia de duração, havendo a autorização dos participantes e seus responsáveis legais para a gravação das narrativas produzidas. Seguindo princípios presentes na literatura metodológica sobre grupos focais (GOMES, 2005; KIND, 2004), a estratégia utilizada para estimular a produção de narrativas entre os jovens participantes teve como base um roteiro de questões pré-estabelecido pelas pesquisadoras a partir das leituras e discussões realizadas acerca dos estudos de gênero e sexualidade com foco nas masculinidades.Tais questões previam estimular uma discussão ampla acerca das masculinidades, que pudesse ser construída pelos próprios participantes a partir de seus focos de interesse. Ao enveredarem pela discussão de temas como a homossexualidade, os jovens demonstraram a necessidade e o interesse em expressar suas percepções sobre o assunto, num processo dialógico no qual puderam compartilhar e complementar ideias ou mesmo confrontar posicionamentos a partir da interação com os colegas. Nesse processo, que se revelou potente em termos de trocas dialógicas, os participantes produziram reflexões sobre as relações entre masculinidades e homossexualidade, problematizando inclusive o fato de que suas percepções sobre a homossexualidade apontavam para um modelo de masculinidade socialmente legitimado e pauta dona heteronormatividade.

(cc) BY-NC-SA

Ainda sobre os processos metodológicos, as narrativas obtidas foram analisadas posteriormente com base nos pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Com base nas indicações feitas por esta autora a respeito dos procedimentos metodológicos a serem empregados para consecução da análise de conteúdo, realizamos, num primeiro momento, algumas leituras do material obtido na pesquisa empírica. Partindo de tais leituras, buscamos organizar os conteúdos por temas. Os temas centrais identificados nas narrativas dos participantes, construídas por ocasião dos grupos focais, foram posteriormente dispostos em categorias mais amplas - formadas de acordo com as semelhanças e divergências existentes nas narrativas – possibilitando, assim, a "passagem de dados brutos a dados organizados" (BARDIN, 2011, p. 119).

Por fim, esclarecemos que, ao utilizarmos o conceito de narrativa, nos baseamos em Bruner (1997), que a define como uma produção discursiva e simbólica pela qual o sujeito expressa representações de suas condições de existência, de eventos vividos, de intenções, fantasias e aspirações. Os grupos focais funcionaram, na presente pesquisa, como contextos nos quais pôde se dar, a partir de condições favorecedoras planejadas, a produção de narrativas sobre masculinidades e suas interfaces com outros temas, como a homossexualidade, pelos sujeitos estudados.

Homens jovens e masculinidades

A juventude tem sido considerada, nas sociedades ocidentais modernas, uma etapa da vida crucial para o processo de construção identitária, uma vez que recaem sobre os sujeitos que a experimentam expectativas e exigências sociais específicas, atreladas à constituição de um lugar próprio no mundo (SPOSITO, 2005; SPOSITO, TARABOLA, 2017). Marcos comumente associados à condição juvenil incluem a conclusão da escolarização básica, a inserção no mercado de trabalho e a vivência de processos psicossociais relacionados à conquista de uma autonomia pessoal, entre os quais o desabrochar sexual e amoroso, que pode se dar no âmbito de relacionamentos afetivos e a partir da adoção de atitudes que aproximem ou distanciemos/as jovens dos padrões de gênero vigentes na cultura da qual participam (GOMES, 2008).

Em relação a esse campo, importa lembrar que é na juventude que, em geral, se dáo engajamento dos sujeitos em práticas até então desconhecidas para eles, vinculadas à experimentação de novos papéis sociais, bem como o acesso a referenciais identitários distintos daqueles oferecidos pelas famílias de origem. Esses novos referenciais com os quais os/as

(cc) BY-NC-SA

jovens acabam tendo contato por meio dos grupos de pares e amigos, nos relacionamentos amorosos, nos ambientes de trabalho e lazer, e nos variados espaços de formação e convivência que frequentam, têm o potencial de (re)definir muitas das representações e valores que eles/elas sustentam sobre gênero e sexualidade, bem como a compreensão que têm de amor e das práticas pelas quais esse sentimento pode ser cultivado e expresso.

Isso ocorre num momento de vida em que são também intensos os processos de reflexão e questionamento levados a cabo por esses sujeitos acerca das formas de viver a sexualidade, em suas relações com a expressão da masculinidade e da feminilidade, que colocarão em exercício, em meio às múltiplas possibilidades existentes nos contextos socioculturais dos quais fazem parte. Face a essas possibilidades, os jovens realizam um trabalho de apropriação, selecionando modos de ser e de agir com os quais se identificam e que consideram legítimos para si próprios e para os outros.

A forma como esses processos podem ser significados e vividos sofre a influência de fatores como a situação de classe ou origem social de cada indivíduo, seu pertencimento étnico-racial e geográfico (contexto urbano, rural, das florestas etc.), idade, vínculos sócio afetivos, trajetórias de vida, dentre outros. No presente trabalho, nosso olhar voltar-se-á para dois segmentos juvenis distintos, com os quais tivemos contato por ocasião da pesquisa empírica cujos achados serão analisados em seções subsequentes. As questões anteriormente aludidas serão problematizadas a partir da análise das percepções sustentadas por jovens homens sobre masculinidade e homossexualidade.

Como Connell (1995, p. 186), entendemos que “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”, com a existência de mais de uma configuração em uma mesma sociedade. O que justifica falarmos em masculinidades, no plural, contemplando as diversas formas de ser homem. Nesse cenário, a existência de modelos hegemônicos de masculinidade, ou seja, modelos que “concentram maior poder na cultura” em relação aos demais (GOMES, 2008, p. 64), tende a legitimar a dominação dos homens e a subordinação das mulheres, assim como processos de discriminação e exclusão de homens cujos comportamentos e/ou escolhas não se enquadram no padrão estipulado como ideal para ser seguido pelos homens para confirmar sua masculinidade, qual seja: “o ideal viril, homofóbico e heterossexual" (WELZER-LANG, 2001, p. 460). Esse é o caso das masculinidades homossexuais, por exemplo, que são lidas como subordinadas na estrutura de poder presente nas relações de gênero em nossa sociedade. Como bem sintetiza Welzer-Lang:

(cc) BY-NC-SA

> Nós estamos claramente em presença de um modelo político de gestão de corpos e desejos. E os homens que querem viver sexualidades não-heterocentradas são estigmatizados como não sendo homens normais, acusados de serem "passivos", e ameaçados de serem associados a mulheres e tratados como elas (WELZER-LANG, 2001, p. 468).

Esse tipo de concepção, que se baseia numa lógica heteronormativa, tem consequências contundentes para a construção das masculinidades pelos sujeitos homens, que sofrem, desde os primeiros anos de vida, grande pressão de diferentes agentes e instituições sociais para se adequarem aos padrões normativos de gênero e delinearem suas identidades sexuais e de gênero conforme as expectativas que lhes são dirigidas. Ainda que possamos reconhecer, como ressaltado por Connell e Messerschmidt (2013, p. 248), a existência de certa flexibilidade no processo de (re)construção e negociação desses padrões, eles assumem valor de verdade para muitos sujeitos e seus grupos sociais de referência.

Como parte desse processo, a heterossexualidade é naturalizada como única opção legítima para os seres humanos vivenciarem seus desejos e relacionarem-se, ao mesmo tempo em que se constata a desvalorização ou estigmatização de outras formas de se viver a sexualidade. Esse é um cenário propício para a proliferação de preconceitos, atos discriminatórios e violência contra aqueles que apresentam orientação sexual distinta da heterossexual.

Foucault (1996), ao discutir o tema, chama atenção para a função que a heterossexualidade como norma cumpre no "dispositivo de sexualidade", se concebermos, em consonância com seu pensamento, a sexualidade como produção social[5]. Este autor propõe que reconheçamos a existência, nas sociedades modernas, de meios através dos quais a sexualidade é produzida. Ao analisar a inserção do sexo no discurso (religioso, médico, legal/jurídico e pedagógico), ele identifica como tais discursos têm contribuído para normatizar comportamentos no campo da sexualidade, servindo-se "do dito e do não dito" (FOUCAULT, 1996, p. 244). Como parte do conjunto de operações desse dispositivo de sexualidade é que ocorre a produção social e histórica da homossexualidade atrelada a concepções reducionistas e estigmatizantes como as mencionadas anteriormente (MADLENER; DINIS, 2007).

[5] No primeiro volume de sua obra *História da Sexualidade*, Foucault (1988, p.100) defende que "não se deve conceber a sexualidade como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque" [...], mas como "um dispositivo histórico" que "as sociedades ocidentais modernas inventaram e instalaram, sobretudo a partir do século XVIII". O dispositivo de sexualidade funcionaria, assim, "de acordo com técnicas móveis, polimorfas e conjunturais de poder" (FOUCAULT, 1988, p.100).

(cc) BY-NC-SA

Nesse sentido é que se fundamenta a importância de discutirmos qual o lugar e sentidos atribuídos à diversidade sexual em nossa sociedade, considerando-se que os posicionamentos e visões possíveis de serem sustentados pelos indivíduos em relação ao tema são também construções socioculturais e históricas, e não realidades estanques. As novas gerações, incluindo os jovens para os quais voltamos nossa atenção no presente trabalho, certamente podem influir decisivamente na (re)definição dessas construções, processo que se relaciona com sua própria constituição como sujeitos sociais e cidadãos.

Em consonância com essa ideia, o discurso pedagógico, assim como as instituições que se propõem a exercer um papel educativo dirigido a esses sujeitos, podem ser problematizados em suas práticas e saberes. A questão que deve servir de base a nossas indagações nesse campo passa justamente pela observação dos contornos historicamente assumidos por esse papel nas sociedades ocidentais modernas: a que propósito tem servido a ação educativa nos campos da sexualidade e do gênero? Podemos, com Foucault (1988, 1996), lembrar o efeito disciplinador dessas ações, mas também perspectivar a existência de outras possibilidades num horizonte futuro, se investirmos na direção de uma "educação para alteridade", a qual, segundo palavras de Rolnik (1994), requer a compreensão de que:

> O outro não é apenas um outro eu (homem, mulher, criança, indígena...) com o qual devo criar um exercício de vizinhança baseado na filosofia do politicamente correto. O outro é tudo aquilo (humano, não-humano, visível, não-visível) que me arranca da pretensa estabilidade de uma identidade fixa (um modo padronizado de pensar, sentir, agir), provocando-me com um incessante convite para diferentes formas de ser-estar no mundo. Um desafio maior no exercício da alteridade que nos leva a um tratamento oposto mesmo às políticas de tolerância (ROLNIK, 1994, p. 160).

A importância de inserirmos e/oufortalecermos o debate sobre tais temas no campo educacional é incontestável, conforme nos revelam as narrativas dos jovens participantes de nossa pesquisa, as quaispassaremos a comentar na próxima seção do presente artigo.

Os olhares juvenis acerca da homossexualidade: diferenças e semelhanças

Primeiramente, é importante identificar quem são e de onde vêm os jovens rapazes participantes da pesquisa: da escola pública[6] são Ruí, Almir, Lívio, Raí e Joel, ao passo que os jovens da escola privada são Beto, Bruno e Enzo. Na sequência, serão apresentadas análises e

[6] Cabe esclarecer que os jovens estudantes dessa escola são oriundos, em sua maioria, das camadas populares rurais e urbanas da cidade na qual foi realizado o estudo, enquanto os da escola privada provém do meio urbano, sendo a maioria oriunda das camadas médias.

(cc) BY-NC-SA

reflexões a partir das narrativas obtidas nos grupos focais, onde foi possível notar que as percepções sobre homossexualidade apresentadas por esses jovens, de modo geral, são divergentes e marcadas por aquilo que seu contexto social disponibiliza em termos de acesso a possibilidades de informação, reflexão, discussão e ação, bem como a própria convivência com a diversidade.

Pudemos constatar que os jovens da escola pública divergem entre si, porém é predominante o princípio da heterossexualidade como fator fundante de uma masculinidade hegemônica, o que reforça estereótipos de gênero e relações de preconceito com rapazes que não compactuam com comportamentos normativos, mesmo que esses comportamentos não expressem sua identidade sexual (SANTOS; SILVA; MENEZES, 2017). Já os jovens estudantes da escola privada apresentam uma perspectiva flexível à pluralidade sexual, o que tende a refletir na própria constituição de suas identidades masculinas. Isso não impede que situações de piadas e insultos sobre a sexualidade do outro ocorram no cotidiano, porém a cobrança entre o grupo de pares não chega a níveis de opressão como ocorre entre os rapazes da escola pública. A diferença desse "acesso" citada anteriormente é posta nas narrativas dos rapazes no que se refere ao papel da instituição escolar em promover tal tipo de debate, tendo em vista que na escola privada os estudantes participam de seminários com a temática de gênero e sexualidade, fato considerado por eles como relevante para ampliar seus conhecimentos particulares sobre a diversidade e, com isso, o respeito a ela. O contrário, ou seja, a falta de acesso,pode contribuir, como demonstram os achados que obtivemos no grupo focal realizado na escola pública, para o surgimento de conflitos simbólicos normatizadores entre os jovens, chegando a níveis de violência (piadas, exposição pejorativa etc.). O que tende a naturalizar masculinidades hegemônicas como "tipos ideais" de ser homem, além de naturalizar a dominação masculina (WELZER-LANG, 2001) presente nas relações entre homens, classificando sujeitos e comportamentos como "afeminados", logo subalternizados no campo das relações sociais.

Também observamos que, a partir do contexto, concepções e vivências da masculinidade podem apresentar diferentes facetas, mesmo quando presentes em um mesmo sistema cultural, como evidenciado na narrativa de Bruno (escola privada), apresentada a seguir:

Bruno:*Como a gente já falou, os tempos estão mudando. Nós, nossa geração, está fazendo essa transição. Antigamente uma visão mais machista e agora estão começando a libertar as*

(cc) BY-NC-SA

ideias, né? que não é mais essa visão de que só o homem que tem que sustentar a família, que só o homem pode jogar futebol, que não pode ter cabelo cumprido.

Tais achados corroboram o que defendem Connell e Messerschmidt (2013), quando afirmam que:

> Relações estruturadas entre masculinidades existem em todos os contextos locais; no entanto, a motivação em direção a uma versão hegemônica específica varia de acordo com o contexto local e tais versões locais de masculinidade inevitavelmente diferem entre si (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 264).

Os rapazes da escola privada reconhecem valores de poder e divisão sexual do trabalho, por exemplo, em um modelo hegemônico de masculinidade, sobretudo as noções de poder, força e coragem em um *ethos* masculino. Contudo, o fato desses símbolos serem reconhecidos por estes rapazes não indica a concordância com os mesmos, isso porque as motivações para os rapazes desse contexto apresentam outras possibilidades de expressar a masculinidade, ainda que muito se aproxime no plano imaginário daquilo que se manifestou nas narrativas do grupo de jovens da escola pública.

A principal diferença entre as narrativas dos homens jovens da escola privada em relação aos oriundos da escola pública é a visão plural que eles possuem sobre as formas de expressar as masculinidades. Ou seja, existe o "homem-forte-corajoso", mas também existe o "homem-tímido" e o "homem-gay", o que implica em uma hierarquia das masculinidades, sim, porém sem uma explícita negação de modelos que não condizem com o modelo hegemônico. Abaixo, narrativas obtidas no grupo focal da escola privada que ilustram elementos de pluralidade da masculinidade:

Bruno: *Me vem na cabeça essa coisa de ser homem, forte, corajoso. Que nem, se eu tô com medo de alguma coisa, aí eu falo "ah, ter a masculinidade". Tipo, é ter a coragem. "Seja homem", né? estou com medo de alguma coisa, aí alguém fala "seja homem", né? no sentido de eu ter coragem para fazer aquela coisa.*
Beto: *É que você tem que ser o machão e tudo o mais. Não que seja algo negativo, né?*

O que foi construído sobre as masculinidades para esses jovens está passível de transformação, mas o modelo de masculinidade que eles têm presente no imaginário, mesmo quando não compactuam diretamente com ele, é um modelo padronizado e repetível (DERRIDA, 1991 apud SILVA, 2009, p. 94), ou seja, toda vez que se pronuncia a expressão

(cc) BY-NC-SA

"homem" e/ou "masculino", elementos simbólicos acompanham o termo. Sendo assim, a prática sexual do "ser homem" também foi referida nas narrativas dos grupos focais.

No que diz respeito à sexualidade que, inevitavelmente, marca a constituição identitária desses sujeitos, houve um debate frutífero e não tão harmônico no sentido de concordância de ideias, especialmente entre os jovens da escola pública. Estes caminham em uma linha tênue entre aceitar as diferenças sexuais ou impor certas condições para a existência delas. Com "certas condições" nos referimos aos limites onde o diferente pode ser diferente, desde que não demonstre cotidianamente isso.

Ruí: *Bah, vocês estavam falando sobre homossexual, né? Bah, eu acho que, eu tava pensando, não tenho nenhum preconceito contra isso. Mas como tu falou,* [se referindo ao Lívio]*tá ficando cada vez mais comum isso, né? Acho que se ficar cada vez mais comum, a gente vai ter cada vez menos preconceito, entende?*
Almir: *Eu não quero nem saber!!!*
Lívio: *Mas não é questão de preconceito. É uma coisa que, sei lá, na real parece estranho ... eu não tenho nada contra, cada um no seu canto, só que eu não curto muito. Eu vejo, mas não falo nada.*
Ruí: *Só que, tipo assim, ser homem é ter que aprender a respeitar os outros, entendeu? Tu não precisa gostar, tu tem que respeitar. Só que também tem que ter um limite. Tipo, tu é homossexual, mas tu não precisa ficar se mostrando na rua, tu não tem que ficar se mostrando pros outros. Se mostra pra quem você quiser na sua casa, num lugar privado. Acho que ultrapassa os limites de vez em quando. Tem pessoas que se você não conversar, se você não reparar, você não nota que ela é homossexual porque ela não se demonstra. Mas tem pessoas que tu vê e ... nossa!*

O "se mostrar", comentado por Ruí no diálogo acima, está indicando um tipo de comportamento não-normativo que costuma ser associada aos estereótipos construídos em torno das masculinidades homossexuais (WELZER-LANG, 2001). A marca da heteronormatividade como um caráter "natural" do sujeito é recorrente o tempo todo nas narrativas, não bastando apenas o sujeito dizer que é, mas tendo também dedemonstrar isso nas relações sociais (CONNELL, 2016; JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2019).

Essa percepção está relacionada a uma espécie de discurso "anti-gay"que gera um *bullying* homofóbico (SANTOS; SILVA; MENEZES, 2017) que, por consequência, atinge as masculinidades subalternas. Na juventude, esses casos ocorrem e estão geralmente relacionados

(cc) BY-NC-SA

à construção e consolidação da masculinidade, de modo que no processo de sociabilidade entre os rapazes, são reforçados os modelos heterossexuais através, sobretudo, da linguagem pejorativa (piadas ou apelidos depreciativos, falas ofensivas etc.), que pode chegar a assumir uma conotação discriminatória. É entre o grupo de pares que a heterossexualidade é percebida e cobrada coletivamente, sendo o insulto homofóbico uma forma de reforçar práticas da masculinidade vigente – ou hegemônica.

Dos oito rapazes que participaram da pesquisa, poderíamos tentar traçar uma divisão de opiniões sobre a homossexualidade da seguinte forma: todos os rapazes da escola privada (Bruno, Beto e Enzo) demonstraram estarem mais familiarizados com as diferentes expressões de gênero e manifestações da sexualidade, seja entre homens ou mulheres, assumindo inclusive que eles faziam (ou fazem) brincadeiras com a sexualidade de outros rapazes – o que não necessariamente indica verdades sobre a identidade sexual alheia. Segue o diálogo:

Beto: *E é um troço que sempre foi muito presente na nossa vida. (...) ver outros meninos que não gostam* [de futebol] *e sofrer por causa disso. E é complicado, porque as vezes são crianças que fazem esse tipo de bullyng. E como são crianças é complicado, porque ... sei lá, tem colegas que não gostavam de jogar, ai você vê um piázinho de 6 anos chamando o outro de gay-viado porque não joga futebol. Cara!!!*[tom de desapontamento]
Enzo: *Isso aconteceu com nós.*
Beto: *É!! A gente já foi esses merdinha. [risos]*[assumindo que já tiveram atitudes como as citadas por Beto no diálogo]
Bruno: *A gente foi crescendo e tomando consciência das coisas e paramos com isso.*
Beto: *Isso é ótimo, né cara? Porque ver uma criança já tendo preconceito é foda. Bah, a gente já foi ruim ...*

Já entre os rapazes da escola pública, três deles (Raí, Almir e Lívio) demonstraram um posicionamento mais conservador diante de sujeitos que apresentam práticas tidas como homossexuais, o que parece apontar para uma ameaça à identidade do "ser homem" da forma como está constituída, e os outros dois rapazes deste grupo (Ruí e Joel) se manifestaram de modo mais flexível, porém ainda com ponderações por parte do Ruí. Entre os rapazes participantes dos grupos focais, Joel foi o único que claramente sofreu insultos que tinham como alvo atingir seu comportamento não-normativo, interpretado pelo grupo de pares como "mais feminino".

(cc) BY-NC-SA

Ruí: *Homossexual? Olha, nada contra, mas ... [risos]*

Lívio: *Mas também nada a favor, né? [risos]*

Raí:*Nada contra o Joel, né? mas ...*

Quando os pares ofendem Joel com adjetivos de significado pejorativo, os mesmos retomam um arcabouço simbólico da masculinidade para delimitar que aqueles que não compactuam – na prática ou em pensamento – com a heterossexualidade são, portanto, possíveis praticantes do contrário disso. Se "*ser homem é não ser gay*", como disse Almir, é preciso marcar essa diferença na própria identidade e na identidade do outro para tornar essa afirmativa verídica e vivida (WELZER-LANG, 2001; SANTOS; SILVA; MENEZES, 2017).

Retomando a ideia de representação esquemática das masculinidades que propomos no início desse trabalho, em maior grau teríamos um "tipo ideal" do que é considerado pertinente a um sujeito homem de um determinado contexto, logo abaixo haveria modelos que não são compatíveis com esse e que se subdividiriam em homens "afeminados" ou homens com práticas não normativas e, em seguida, mulheres. O modelo posicionado no meio dessa escala quase se aproxima daquilo considerado pertinente ao *ethos* feminino, subalternizando homens aos significados funcionais que foram construídos sobre a mulher. Ou seja, as relações entre os homens são pautadas na mesma lógica presente na relação entre homens e mulheres, onde essa hierarquia masculina existe à custa das mulheres e respinga em homens que possuem práticas não-normativas (WELZER-LANG, 2001).

O posicionamento dos rapazes da escola privada sobre práticas homossexuais pode ser justificado, inclusive, pela concepção de mobilidade que eles constroem sobre a masculinidade e a feminilidade. Parece estar presente no imaginário desses jovens que esses conceitos dizem respeito a sistemas simbólicos que estão dispostos socialmente tanto para homens como para mulheres, onde um pode acessar e se apropriar dos códigos presente em ambos, independente da sua condição biológica. Ou seja, a masculinidade possui um caráter móvel, permitindo que o sujeito (seja ele homem ou mulher) possa se apropriar daquilo que lhe desperta identificação.

Bruno: *Até quando falam de uma jogadora de futebol: "ah, uma mulher muito masculina", porque joga futebol. Eu já ouvi gente falando, quando vê alguma menina que está com uma roupa mais larga, um tênis que não é colorido, ai falam: "ah, esse jeito masculino".*

Beto: *E acontece vice-versa, de dizer quando um menino é afeminado.*

Bruno: *É, também acontece isso. Se tem um colega nosso que não gosta de futebol, ai a gente vai chamar ele de afeminado só por que ele não gosta de futebol?*

(cc) BY-NC-SA

Enzo: *É que tem um jeito diferente, ai chama de afeminado, ou uma menina que tem um jeito diferente, ai chama de masculina.*["jeito diferente", leia-se comportamento não-normativo].

Essa concepção de mobilidade da masculinidade vai ao encontro do que Almeida (1996) diz sobre a forma como é possível deslocar esses conceitos de homens e mulheres, levando a discussão, dessa forma, para o campo simbólico das relações sociais (ALMEIDA; CORRÊA; PISCITELLI, 2013). Portanto, a importância de refletir sobre as masculinidades a partir das relações sociais, incluindo a percepção de mulheres, coloca-se na agenda de pesquisas que contribuam para o avanço dos estudos de gênero na contemporaneidade.

Também pode representar um aprofundamento no debate acerca do caráter móvel da masculinidade a construção de interpretações desse processo a partir das contribuições analíticas de outros/as autores/as que, como os referidos anteriormente, vêm se dedicando a pensar o tema numa perspectiva que problematiza as concepções essencializadoras e naturalizadoras de gênero. Assim ocorre com Butler (2017), quando desenvolve seus argumentos sobre a performatividade dos gêneros, que implica em um não essencialismo do que é "ser homem" ou "ser mulher".A ideia de que gênero remete a atos dramáticos significantes em um determinado meio cultural, quando um corpo representa aquilo que socialmente foi construído em torno do seu sexo, é muito fecunda nesse sentido.Com base nela, avançamos no entendimento de que corpos categorizados como masculinos podem se apropriar de símbolos presentes em um *ethos* feminino, e vice-versa. O gênero por si só é uma performance.Nas sociedades ocidentais, sobretudo na contemporaneidade, esses atos ganham novos significados que possibilitam seu trânsito pelos corpos socializados, atravessando fronteiras identitárias, onde o sujeito imita verdades que são construídas e significadas socialmente (SILVA, 2009; BUTLER, 2017). Assim, ao apontar a instabilidade das identidades e o fato de serem performativamente constituídas, Butler nos convida a analisar gênero e suas articulações com sexualidade sob outros prismas, pavimentando o caminho para novas reflexões sobre o tema.

Conclusão

Os dados aqui apresentados e sua análise a partir da literatura científica consultada revelam que há uma riqueza de possibilidades a ser explorada no que tange à pesquisa sobre masculinidades contemporâneas e homossexualidade, sendo preciso apurar o olhar para identificar os recortes temáticos que podem ser abordados com vistas a fazer avançar a produção de conhecimento na área, incluindo os estudos sobre as experiências que jovens

(cc) BY-NC-SA

homens vivenciam na relação com o tema e as repercussões desta relação nas formas pelas quais eles se constituem como sujeitos, compõem suas trajetórias biográficas e participam da vida em sociedade.

Não obstante a persistência, em nossa sociedade, da estigmatização da homossexualidade como forma de se viver a sexualidade, assim como a constatada existência de padrões normativos de gênero que acarretam restrições, em termos de construção identitária e qualidade de vida, para muitos indivíduos, podemos vislumbrar, se tomarmos como base as próprias narrativas dos sujeitos participantes da nossa pesquisa, que há a possibilidade viva de reconstrução dessa realidade. Isso fica evidenciado quando alguns dos participantes relatam a ocorrência, em suas trajetórias de vida, de mudanças de opiniões e visões de mundo que os levaram a questionar preconceitos anteriormente sustentados por eles, conduzindo-os para o reconhecimento da necessidade de valorização da diversidade e de respeito ao outro. Chama a atenção, nesse sentido, as contribuições dadas pela escola, segundo destacado pelos próprios jovens, como um potencial espaço de construção de conhecimento via reflexão e debate de ideias, além da importância da abertura pessoal, constantemente alimentada, ao encontro com a alteridade.

Perguntas nunca feitas antes a esses jovens homens os colocam no exercício de deslocar o olhar para suas práticas cotidianas e identificar o que, em seu imaginário, está associado ao "ser homem". Por consequência, os sujeitos podem perceber atos com os quais eles não compactuam, porém reproduzem, além de evidenciar símbolos de suas identidades de gênero que polarizam sujeitos homens e mulheres no mundo ("isso é de homem", "isso é de mulher"), ou até mesmo apontando práticas e modelos ideais com os quais eles concordam, mas a expressão pública disso pode remeter ao julgamento do seu grupo de pares, seja para compactuar com um tipo de homem conservador ou progressista.

Para além disso, as narrativas tecidas por tais jovens nos convidam a interrogar as (im)possibilidades que estão postas no horizonte daqueles que mais sofrem constrangimentos em relação a seus direitos básicos em nossa sociedade, os nomeados *diferentes,* ponderando sobre as formas de resistência e enfrentamento que têm sido produzidas, individual e coletivamente, para a transformação da realidade atual, ainda muito marcada por discriminações, opressões e injustiças.

Pensar criticamente essas questões certamente envolve considerarmos a maneira como tem sido possível a jovens como os aqui referidos e tantos outros construírem suas masculinidades e, nesse percurso, problematizarem estas construções, a fim de perceberem as

(cc) BY-NC-SA

inúmeras possibilidades de "ser homem". As instituições educativas, em especial a escola, podem exercer um papel importante nesse processo, ao instaurar e consolidar espaços de diálogo franco com os jovens sobre tais assuntos, escutando suas perspectivas, dúvidas e confrontações, em lugar de incorrer nas tradicionais práticas normalizadoras que, na busca por disciplinar e docilizar corpos e mentes, acabam contribuindo para silenciar desejos dissonantes e anular os sujeitos em suas singularidades.

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário antropológico 95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 161-190, 1996.

ALMEIDA, Miguel Vale de; CORRÊA, Mariza; PISCITELLI, Adriana. "Flores do colonialismo": masculinidades numa perspectiva antropológica. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 11, p. 201-229, jan. 2013. ISSN 1809-4449. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634471. Acesso em: 16 nov. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2011. p. 33-172.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. Coleção Sujeito & História. 14º edição. 2017.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.20, n. 2, p.135-150, jul-dez 1995.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, abril, 2013.

(cc) BY-NC-SA

CONNELL, Robert W. Crescer como masculino. In:. CONNELL, Robert W**. Gênero em Termos Reais**. nVersos, São Paulo, 2016. (p.137-158).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GEERTZ, Clifford. "Ethos", Visão do Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. (p. 93 – 103)

GOMES, Alberto Albuquerque. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, 7(2), jul./dez., 2005. p. 275-290.

GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

JUNIOR, Dilton R. C.; OSWALD, Maria L. M. B.; POCAHY, Fernando A. Gênero, sexualidade e juventude(s): problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan_abr, 2018. p. 124-137.

JUNQUEIRA, Rogério D. “Temos um problema em nossa escola: um garoto afeminado demais”. Pedagogia do armário e currículo em ação. **Revista Educação e Políticas em Debate** – v. 4, n.2 – ago./dez. 2015.

KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte (MG), 10(15), jun., 2004. p. 124-136.

MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. A homossexualidade na perspectiva foucaultiana. **Revista do Departamento de Psicologia UFF**, vol. 19, n.1, Niterói. 2007.

NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; GOMES, Romeu. Marcas identitárias masculinas e a saúde de homem. **Cadernos de Saúde Pública** (FIOCRUZ), v. 24, p. 1556-1564, 2008.

(cc) BY-NC-SA

OLIVEIRA, Francis F. **Entrelaçando masculinidades e juventudes no Portal de Periódicos CAPES entre 2000 e 2017**. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

ROLNIK, Sueli. **Cidadania e alteridade**: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: SPINK, M.J. P. (org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994. p. 157-176.

SANTOS, Hugo. M.; SILVA, Sofia. M.; MENEZES, Isabel. Para uma visão complexa do bullying homofóbico: desocultando o quotidiano da homofobia nas escolas. **Ex Aequo**, n. 36, 2017. p. 117-132.

SEFFNER, Fernando; SILVA, Luciano F. "Mind thetrap": o menino, a escola e a folha de alface. **Educação**, vol. 39, núm. 3, set./dez. PUCRS, 2016. p. 393-403.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Katryn. (Orgs.) **Identidade e diferença**. 9º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 73 – 102.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira:** análises de uma pesquisa nacional. São Paulo, Fundação Perseu *Abramo*/Instituto Cidadania, 2005.

SPOSITO, Marilia Pontes; TARABOLA, Felipe de Souza. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, e227146, 2017. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782017000400201&lng=en&nrm=iso. Acesso em Ago 2019. Epub Oct 09, 2017. http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782017227146.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

(cc) BY-NC-SA

Recebido em outubro de 2019.

Aprovado em dezembro de 2019.

(cc) BY-NC-SA